



ENCONTRO #11

O EXÍLIO

1. INTRODUÇÃO

Salomão tinha construído um grande reino, mas também semeado as causas da sua ruína, sobretudo pelos impostos sufocantes impostos ao povo para financiar os seus grandiosos projetos e sustentar o seu estilo de vida luxuoso. Não surpreende, portanto, que, depois da sua morte, os representantes das tribos do Norte — que suportaram o maior peso dos impostos — pedissem ao seu filho Roboão algum alívio. Este, porém, rejeitou a sabedoria dos anciãos e seguiu o conselho dos seus amigos; para mostrar quem mandava, tornou ainda mais difícil a vida das tribos do Norte.

O povo insurgiu-se e em vez dele coroou rei Jeroboão, um dos oficiais de Salomão, exatamente como fora predito alguns anos antes (1 Reis 11,9–13.26–40). A Roboão restou apenas duas tribos. O reino ficou dividido ao longo das antigas fronteiras tribais e nunca mais se unificou. Surgiram duas nações separadas — o **reino de Israel**, a norte, e o **reino de Judá**, a sul — tudo por causa da falta de sabedoria de um homem.

O autor dos livros dos Reis estava mais interessado no reino de Judá do que no reino de Israel. Isto deve-se ao facto de o autor escrever quando o povo de Judá se encontrava exilado na Babilónia e se perguntava como seria o seu futuro. O autor queria que se soubesse que teria futuro

Em termos espirituais, Judá era certamente mais importante do que Israel. Politicamente e economicamente, porém, Israel era

maior: mais fértil, mais próspero (comércio e indústria) e mais culto, embora espiritualmente corrupto. A sua posição estratégica nas principais rotas comerciais trouxe prosperidade, mas também atraiu atenções indesejadas. Potências internacionais passaram a vigiar Israel e a invadi-lo de quando em quando. Judá, por estar situado nas colinas e afastado das principais rotas comerciais, foi largamente ignorado.



2. O REINO DIVIDIDO

Cisma de 923 a.C. (1Rs 12; 2 Cr 10)

O reino de ISRAEL

1. Siquém, novamente fortificada, torna-se a capital do Norte (1Reis 12,25) em Efraim, pátria de Jeroboão.
2. Samaria foi escolhida cinquenta anos depois pelo rei Omeri como nova capital capaz de competir com Jerusalém (1Reis 16,23-24).
3. Betel e Dan tornaram-se santuários com vitelos de ouro (símbolo da religião cananeia) e sacerdotes próprios para que o povo deixasse de ir rezar ao templo de Jerusalém (1Reis 12,26-33). Nos livros dos Reis esta idolatria é sempre indicada como «o pecado de Jeroboão».

O reino de JUDÁ

4. Jerusalém permanece a capital do reino de Roboão, formado por duas tribos do Sul, Judá e Simeão.

Judá sobreviveu muito mais tempo do que Israel e foi, de longe, mais estável. Israel teve vinte soberanos em 210 anos, provenientes de várias dinastias; Judá teve vinte soberanos em 345 anos, todos da mesma dinastia — descendentes de David.

Por vezes é difícil seguir a narrativa porque o autor dos livros dos Reis alterna continuamente entre Judá e Israel, mantendo, contudo, uma ordem cronológica. Começa por Judá, retrocede após a morte de um rei para enumerar os reis de Israel cujo reinado teve início nesse período e, em seguida, regressa a Judá.

Ao tratar de cada rei, o autor indica sempre se este fez o que era bom ou o que era mau aos olhos de Deus e descreve as respetivas consequências.

3. FIM DO REINO DO NORTE - A queda da Samaria

No século VIII a.C., emerge a Assíria como uma grande potência regional, que tenta expandir-se, anexando os povos vizinhos. Para tentar impedir esse expansionismo, o rei de Israel (Faceias) aliou-se com Rason, rei de Damasco (Síria), tentando forçar o reino do Sul (Judá) a aderir à coligação. Joatão, rei de Judá, recusa-se a aderir, o mesmo sucedendo com Acaz, seu sucessor. Israel e a Síria declaram-lhe guerra (Is 7,1-9) e Jerusalém não tem a quem pedir ajuda. Acaz começa, então, a desesperar. O profeta Isaías incita o rei e o povo à resistência e prevê a vitória de Judá, que será confirmada ao rei por um sinal que ele peça (Is 7,10-17). Acaz, porém, fazendo orelhas moucas a Isaías, pede auxílio à Assíria.

Estamos no ano de 734 a.C. e o rei da Assíria estava provavelmente em marcha para a Palestina. Prevendo uma possível intervenção do Egito, Tiglat-Pileser III (rei da Assíria 745-727 a.C.) avança, começando por submeter a Filisteia, no Sul, junto ao mar, e depois vai a caminho do Norte, submetendo a Galileia e Galaad (além-Jordão), deportando, em seguida os seus habitantes. Segue-se a conquista de Damasco: o rei é morto e a população também deportada, ficando o reino de Israel reduzido a uma pequena porção da Samaria e o resto do território foi dividido em 3 províncias assírias. Finalmente, em 722 a.C., Sargão II acaba por tomar também a Samaria e é a degradação total do povo do Norte.

Estamos no ano de 734 a.C. e o rei da Assíria provavelmente marchava para a Palestina. Prevendo uma possível intervenção do Egito, Tiglate Pileser III (rei da Assíria, 745–727 a.C.) avançou, começando por submeter a Filisteia, no sul, junto ao mar, e depois dirigiu se para o norte, dominando a Galileia e Galaad (além Jordão) e deportando os seus habitantes. Seguiu se a conquista de Damasco: o rei foi morto e a população deportada, ficando o reino de Israel reduzido a uma pequena porção da Samaria; o restante território foi dividido em três províncias assírias.

Finalmente, em 722 a.C., Sargão II tomou também a Samaria, consumando a degedo total do povo do Norte.

4. FIM DO REINO DO SUL – A queda de Jerusalém

No reinado de Josias (640–609 a.C.) deu-se uma intensa purificação religiosa, sobretudo pela centralização do culto em Jerusalém, que teve como raiz a reconstrução do Templo de Salomão e a abolição de muitos santuários locais.

Em 626 a.C. Nabopolassar II sobe ao trono da Babilônia e funda uma dinastia independente da potência colonizadora, a Assíria. Nasce assim um novo império cuja primeira preocupação foi atacar os antigos dominadores. Surge, porém, um incidente com repercussões decisivas: Nécau III, faraó do Egito, atravessa a Palestina em defesa dos assírios. Para manter a independência e conquistar os favores da Babilônia, Josias opõe-se a Nécau e acaba por morrer na batalha de Meguido, em 609 a.C. Com a sua morte esvai-se a grande esperança do povo de Deus.

Nécau III, sem conseguir consolidar o poder assírio contra a Babilônia, tenta impor o domínio egípcio sobre a Palestina. Depõe Joacaz, sucessor de Josias, e coloca no trono Joaquim, um rei despótico e vassalo do Egito (cf. Jr 22,13ss). Joaquim favoreceu cultos cananeus e precipitou Judá numa profunda crise de identidade.

Por esta altura surge o profeta Jeremias a pregar em Judá (cf. Jr 4–6), denunciando a idolatria e anunciando perigos iminentes: a Babilônia avançava, subjugava a Assíria e derrotava o Egito, pelo que a Palestina dificilmente escaparia ao seu poder.

Em 604 a.C. Nabucodonosor, rei da Babilônia, entra na Palestina e toma Ascalon, sem atacar Judá. Em 603 a.C. regressa e submete Joaquim, que se torna vassalo babilónico. Joaquim tenta romper a vassalagem, deixa de pagar tributo e volta-se para o Egito, mas em 598–597 a.C. o rei da Babilônia entra em Jerusalém e leva para a Babilônia os primeiros exilados. Entre eles seguia um menino chamado Ezequiel, que mais tarde se tornaria profeta. A situação permanece confusa durante a década seguinte até ao colapso total em 587 a.C.: destruição da cidade e do Templo de Jerusalém e uma grande deportação, da qual Jeremias consegue escapar.

5. O TEMPO DO EXÍLIO (587 a 539 a.C.)

Após a deportação, apesar de não ter sido total, o panorama da Palestina tornou-se desolador (cf. Lm 5,1-18). As cidades foram todas, praticamente, destruídas: muitos morreram (na guerra, por fome ou doença), outros fugiram para o estrangeiro e os que ficaram viviam na miséria. Era, enfim uma situação calamitosa de um povo espartilhado e dividido, sem chefes nem Templo. Apenas os profetas procuravam manter viva a fé.

O Exílio foi, sem dúvida, uma dura prova para o povo de Deus: perdida a sua grande segurança (o Templo de Jerusalém) e desmoronada a promessa da descendência davídica, o povo ficou confuso e surge a grande tentação de abandonar a fé dos pais (cf. Jr 44,15-19); a justiça de Javé é posta em causa (Ez 18,2.25) e alguns, no seu desespero, pensam que Javé abandonou para sempre o seu povo (Ez 33,10; 37,11).

É neste clima de dúvida, insegurança, abandono e dispersão, que vai levar o povo a cair em si e a retratar-se, com a ajuda dos profetas. Israel vai ganhando consciência de que, afinal, a sua infidelidade é a causa de tão grande desgraça e só Javé pode ter uma palavra eficaz, capaz de mudar o rumo dos acontecimentos e de trazer o povo de volta. Surge, então, por iniciativa dos profetas, a esperança de uma nova Aliança, uma Aliança já não escrita em tábuas, mas no próprio coração dos homens e que se estenderá a todo o povo, fundada na justiça, na gratuidade e na misericórdia de Javé (cf. Jr 31,31-34; Ez 34,25-31; 36,22ss).

Essa Aliança fará o povo voltar à fidelidade e à comunhão com Deus, da qual se desviara pelo pecado. É a reafirmação definitiva da Aliança, no seu sentido mais pleno: «Eu porei a minha lei no seu seio e a escreverei no seu coração. Então, Eu serei o seu Deus e eles serão meu povo» (Jr 31,33; cf. Ez 36,28).